

ARTHUR SCHOPENHAUER: POR SUA VIDA, UM PESSIMISTA

Antunes Ferreira da Silva

E-mail: antunnes_ferreira@hotmail.com

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC. Coordenador do Núcleo de Extensão e Pesquisa Acadêmica – NEPA da FAFIC.

RESUMO

O presente artigo constitui-se e uma pesquisa teórica bibliográfica de cunho eminentemente histórico. Constitui parte de nossa dissertação de mestrado. O seu principal objetivo é demonstrar o caráter vivencial da filosofia de Arthur Schopenhauer. Talvez este tenha sido o filósofo que mais claramente conseguiu transcrever a realidade na qual estava inserido e transformar isto em sistema filosófico. O procedimento básico adotado na elaboração do estudo foi a catalogação de dados e curiosidade históricas coletadas da bibliografia disponível em língua portuguesa sobre o assunto. Um contemporâneo do filósofo afirmou que a filosofia schopenhaueriana não é um sistema compilado de outras filosofias, mas um reflexo de sua própria vida, a projeção do seu caráter. O que o torna num filósofo no sentido estóico do termo, ou seja, alguém para o qual a filosofia é a causa de seu próprio coração. Sendo, sob esta ótica, mais filósofo com a vida do que com os próprios argumentos. Schopenhauer, ao efetuar suas diversas viagens pela Europa, ficou impressionado com o caos e a sujeira das aldeias, a miserável pobreza dos agricultores, a inquietação e miséria das cidades. Constata que nunca a vida parecera tão desprovida de significado ou tão miserável. A observação desta realidade levou o nosso filósofo a crer que o mundo é sofrimento e que a alegria é constituída por momentos passageiros, fundando assim a corrente filosófica doravante denominada pessimismo metafísico. É essa a principal descoberta que este estudo pretende chegar, ou seja, à constatação de que a vida perturbada do filósofo é influente na proposição de sua filosofia.

Palavras-chave: Schopenhauer. História. Vida. Realidade miserável. Pessimismo

INTRODUÇÃO

Especular sobre a vida e o contexto histórico de Arthur Schopenhauer é peça-chave que vai nos auxiliar no entendimento das razões que o levaram a formular seus conceitos filosóficos, pois seus estudos e postulados nada mais são do que transcrições filosóficas de sua época que, como questiona Will Durant, não foi nada otimista: “Por que será que a primeira metade do século XIX levantou, como vozes da época, um grupo de poetas pessimistas [...] e, acima de tudo, um filósofo profundamente pessimista – Arthur Schopenhauer?” (2000, p. 230).

PREMISSA HISTÓRICA DO SEU PESSIMISMO

Partimos, pois, da constatação, feita por Carl Fortlage (livre-docente da Universidade de Jena) logo após as primeiras publicações do filósofo, ou seja, um contemporâneo, que a filosofia schopenhaueriana não é um sistema compilado de outras filosofias, mas um reflexo de sua própria vida, a projeção do seu caráter. O que o torna num filósofo no sentido estóico do termo, ou seja, alguém para o qual a filosofia é a causa de seu próprio coração (cf. WEISSMANN, 1980, p. 136). Sendo, sob esta ótica, mais filósofo com a vida do que com os próprios argumentos.

O filósofo nasceu em 22 de fevereiro de 1788, pouco antes da eclosão da Revolução Francesa, na cidade de Dantzig, hoje atual território alemão. Filho do rico comerciante Heinrich Floris Schopenhauer e de Johanna Troseiner. Seu pai queria torná-lo um comerciante e o fez, em 1800, empreender-se numa viagem pela Alemanha, França, Inglaterra, Holanda, Suíça e Áustria, por onde teve a oportunidade de obter uma visão geral do sentimento no qual estava inserida a Europa, continente certamente sem horizontes diante do fracasso da Revolução Francesa, ou seja, da derrota dos ideais de igualdade, fraternidade e justiça.

Sobre o que Schopenhauer pôde experimentar nesta viagem, citemos um relato de Will Durant:

A Europa inteira jazia prostrada. Milhões de homens fortes haviam morrido; milhões de hectares de terra tinham sido negligenciados ou devastados; por toda a parte no Continente, a vida tinha que recomeçar do zero, para recuperar dolorosa e lentamente o civilizador excedente econômico que havia sido consumido na guerra. Schopenhauer, viajando pela França e pela Áustria em 1804, ficou impressionado com o caos e a sujeira das aldeias, a miserável pobreza dos agricultores, a inquietação e miséria das cidades. A passagem dos exércitos napoleônicos e antinapoleônicos havia deixado cicatrizes de devastação no rosto de todos os países. Moscou estava em cinzas. Na Inglaterra, orgulhosa vitoriosa na luta, os agricultores estavam arruinados pela queda no preço do trigo; e os trabalhadores industriais experimentavam todos os horrores do nascente e descontrolado sistema fabril. A desmobilização aumentava o desemprego. [...] Nunca a vida parecera tão desprovida de significado ou tão miserável (2000, p. 230-231).

Acerca das experiências de conhecer a Inglaterra, Weissmann relata:

Os olhos de Arthur tudo enxergavam sob aspecto diversos (do modo de ver dos pais: o luxo e austeridade das residências londrinas os encantam e não poupam elogios para com o alto comércio inglês). Não vêem o brilho, mas a sombra. Focalizados para as misérias da existência, desprezam o luxo e a riqueza. Observam a multidão de operários que mourejam nas docas. Não lhes escapa uma particularidade da metrópole que passa inteiramente despercebida aos olhos dos pais (1980, p. 29).

Certamente a observação desta realidade levou o nosso autor a crer que o mundo é sofrimento e que a alegria é constituída por momentos passageiros, analogamente ao ânimo de uma pequena tropa que julga ser capaz de vencer a batalha, mas que logo é massacrada pelos numerosos inimigos.

Após mudar-se com sua família para Hamburgo em 1804, seu pai morre, talvez por suas próprias mãos (suicídio), em 1805, fato que lhe causou grande impacto. Sua mãe, futura romancista famosa, muda-se com sua irmã Adele, para Weimar onde abriu um salão artístico e intelectual frequentado por muitos luminares da época.

Arthur já não habitava o mesmo teto que sua mãe pois não mantinha boas relações com a mesma, mas comparecia às recepções dadas por sua progenitora até o dia em que, após uma discussão entre os dois, o nosso filósofo afirmou que ela um dia seria conhecida mediante o nome dele. Deixou Weimar e nunca mais voltou a manter nenhum contato com sua mãe.

O fracasso na relação afetiva com sua mãe o motiva em sua visão de mundo:

Esses homens estavam, quase que devido a essas circunstâncias, fadados ao pessimismo; o homem que não conheceu o amor de mãe – e, o que é pior, que conheceu o ódio de mãe – não tem motivos para estar apaixonado pelo mundo (Ibid, p. 232).

Não se pode repudiar a influência dos traços gerais do caráter da família (o nervosismo do pai e a histeria da mãe) no norteamento geral de sua filosofia (cf. WEISSMANN, 1980, p. 15). Merece destaque o tratamento com o qual o jovem Arthur é tratado pela mãe, que, incapaz de demonstrar sentimentos ternos, lança as primeiras sementes do pessimismo ulterior e do desprezo do filósofo pelas mulheres (cf. WEISSMANN, 1980, p. 22).

Por isso, é conhecido como o filósofo do pessimismo, criando assim o pessimismo filosófico e fazendo dele escola, com o propósito de demonstrar que este é o pior dos mundos possíveis, e, por isso, para o homem seria melhor não ter nascido (cf. REDYSON, 2009, p. 7).

Em 1809, depois de abandonar os estudos comerciais, ingressou na universidade de Göttinger, no curso de medicina, mas logo após seis meses transfere-se para o curso de filosofia, onde é influenciado por Gotthold Ernst Schulze a estudar Platão e Kant e por Freidrich Majer a ler os Upanixades hindus, cujas teorias filosóficas e religiosa serão grandes influenciadoras de seu pensamento. Estuda ainda em Berlim com Friedrich Schleiermacher e Johann Gottlieb Fichte e, retornando a Weimar, redige sua tese de doutorado: *A quádrupla raiz do princípio de razão suficiente*. Esta obra, que foi englobada posteriormente em seu maior escrito, *O mundo como vontade e como representação*, trata da atribuição de fundamentação racional às coisas, constitui a parte da filosofia schopenhaueriana dedicada à consciência empírica.

Neste tempo, em 1813, eclode a guerra da França contra a Rússia, pois esta não aceitava o Bloqueio Continental contra a Inglaterra. No entanto, a França é derrotada e um ano depois, em 1814, Napoleão Bonaparte é derrubado do poder por um exército composto por tropas de diversos países e extraditado para a ilha de Elba, no Mar Mediterrâneo. A Europa vive intensamente cada derrota e vitória do imperialismo francês e o nosso filósofo também. Todo este contexto histórico o molda e contribui na formulação de seu

pensamento filosófico sobre a vida, sobre o mundo, sobre a felicidade. Schopenhauer se encontra com 26 anos de idade.

Will Durant caracteriza bem Schopenhauer em meio à esta situação histórica:

Neste ínterim, Schopenhauer havia passado pelo ginásio e pela universidade, e aprendera mais do que estava nos respectivos currículos. Experimentou o amor e o mundo, com resultados que afetaram o seu caráter e a sua filosofia. Tornara-se melancólico, cínico e desconfiado; era obcecado por temores e pesadelos; mantinha seus cachimbos trancados a sete chaves e jamais confiava o pescoço à navalha de um barbeiro; e dormia com pistolas carregadas ao lado da cama – presumivelmente para comodidade do ladrão. Não suportava barulho: ‘Há muito que sou de opinião’, escreveu ele, ‘de que o volume do barulho que qualquer pessoa pode suportar sem se perturbar está na proporção inversa de sua capacidade mental e pode, portanto, ser considerado com uma boa medida dessa capacidade. [...] O barulho é uma tortura para todos os intelectuais. [...]’ Tinha um sentido quase paranóico de grandeza não reconhecida; sem conseguir sucesso e fama, voltava-se para dentro e roía a própria alma. Ele não tinha mãe, não tinha mulher, não tinha filho, família nem pátria. ‘Ele estava absolutamente sozinho, sem um só amigo; e entre um e nenhum existe um infinito’. [...] Ele era imune às febres nacionalistas de sua época [...] (DURANT, 2000, p. 232-233).

Durante quatro anos, compreendidos entre 1814 e 1818, “Schopenhauer dedicou todo seu tempo e todas as suas forças àquela que seria a sua obra-prima – O Mundo como Vontade e [como Representação] [...]” (DURANT, 2000, p. 233). Foi em Dresden que ele encontrou a atmosfera adequada para a gestação do livro. Procurou, certamente, fazer-se intérprete da vida e do sofrimento do mundo que lhe foi contemporâneo. Neste livro, o nosso autor “apresenta o mundo como sendo dotado de dois lados: o da *Vorstellung* (representação [ou ideia]), ou da maneira como as coisas se apresentam a nós na experiência, e o da *Wille* (Vontade), que é, alega ele, aquilo que o mundo é em si, para além das simples aparências a que está limitado o conhecimento humano” (JANAWAY, 2003, p. 18).

Na publicação do mesmo, datada de 1819, ele, como não fosse nada modesto, afirmara ser aquela uma exposição de uma estrutura altamente coerente de pensamento original, perfeitamente inteligível, vigoroso, e não sem beleza, um livro que, segundo ele, seria a fonte e a ocasião de uma centena de outros livros. “Tudo excessivamente egoísta e absolutamente verdade” (DURANT, 2000, p. 233).

No entanto, “o mundo estava demasiado pobre e exaurido para ler sobre sua pobreza e sua exaustão” (Ibid, p. 233). A sua obra-prima tinha passado despercebida durante muitos anos após a sua publicação. Mas é certo que, mesmo fracassado, Schopenhauer tinha se colocado tão profundamente neste livro, que todos os seus trabalhos posteriores não passam de comentários dele.

Em 1822, foi convidado para ser professor na Universidade de Berlim, mesma universidade onde lecionava Hegel, filósofo famoso na época e com quem Schopenhauer fazia questão de confrontar seu sistema filosófico. Devido a essa dissonância com Hegel, arriscou-se a marcar suas aulas no mesmo horário em que Hegel lecionava as suas. Resultado: via-se constantemente falando para cadeiras vazias, enquanto as salas do outro professor estavam sempre lotadas.

Após uma década de certa improdutividade e, ameaçado por uma epidemia de cólera surgida em Berlim, Schopenhauer, em 1831, resolvendo mudar-se dali, chega a Frankfurt, onde passaria o restante de sua vida.

Exclusivamente dedicado à reflexão filosófica, pois não necessitava trabalhar já que herdara do pai o suficiente para viver modestamente, mas confortavelmente, o resto de sua vida, trabalhou intensamente redigindo e publicando diversos outros livros, entre eles uma reedição de sua obra-prima, *O mundo como vontade e como representação*, reedição na qual ele não objetivou reescrevê-la, mas esclarecê-la e aumentá-la com um segundo volume. Podemos citar entre alguns títulos publicados nesta época por ele: *Sobre a liberdade da vontade*, *O fundamento da moral*, *Sobre a vontade na natureza* e *Os dois problemas fundamentais da ética*.

Mas apesar de toda sua dedicação:

As universidades ignoravam a seus livros, como se para confirmar sua declaração de que todos os progressos da filosofia são feitos fora das paredes acadêmicas. ‘Nada’, diz Nietzsche, ‘ofendia tanto os sábios alemães quanto a dessemelhança entre Schopenhauer e eles.’ Mas ele aprendera um pouco de paciência; confiava em que, embora atrasado, o reconhecimento viria. E afinal, lentamente, chegou. Homens das classes médias – advogados, médicos, comerciantes – encontravam nele um filósofo que lhes oferecia não um mero jargão pretensioso de irrealidades metafísicas, mas um exame inteligível dos fenômenos da vida real. Uma Europa desiludida com os ideais e os esforços de 1848 [quando iniciou-se a terceira fase do império francês, após a derrota popular de querer instaurar uma democracia] voltou-se quase que por aclamação para aquela filosofia que expressara o desespero de 1815. O ataque da ciência contra a

teologia, a indicação socialista da pobreza e da guerra, o estresse biológico sobre a luta pela existência – todos esses fatores ajudaram Schopenhauer a finalmente obter a fama (DURANT, 2000, p. 235).

Não obstante, o atraso em seu reconhecimento por parte do público deve-se, em parte, também à absoluta indiferença para com as questões de ordem política e social, já que considerava os partidos sórdidos e as coletividades estúpidas (cf. WEISSMANN, 1980, p. 162), permanecendo no pedestal de um filósofo impopular, pois “sua desconfiança não conhece limites. Todas as precauções contra os homens são poucas” (WEISSMANN, 1980, p. 118). E, o que é pior ainda, em termos de popularidade, é um pessimista (cf. WEISSMANN, 1980, p. 10).

Seu sucesso foi impulsionado pelo êxito que obteve em seu último livro intitulado de *Parerga e Paralipomena* que significa “Obras complementares e questões omitidas” contendo pequenos ensaios sobre os mais diversos temas: política, moral, literatura, música, filosofia e metafísica, entre outros, especialmente o ensaio *Aforismos para a sabedoria de vida*, editado em 1851.

Mas o estopim que o impulsionou à fama foi um artigo publicado em abril de 1853 na revista inglesa *Westminster Review*, escrito por John Oxenford, intitulado “Iconoclastia na filosofia germânica”, cujo autor demonstra espanto por Schopenhauer ser, até então, praticamente ignorado na Alemanha. Este artigo, inicialmente publicado na Inglaterra, foi traduzido para o alemão, por Otto Lindner, nas revistas *Vossischen Zeitung* em 1853, e *Magazin für Litteratur des Auslandes* em 1854.

Na Alemanha, a filosofia hegeliana entrou em declínio e Schopenhauer surgiu como ídolo das novas gerações: ao mesmo tempo que sua notoriedade espalhava-se em toda Europa, houve pedidos para que se fizessem novas edições de seus escritos, e ele chegou a se tornar tema de cursos universitários na Alemanha, além de receber a visita de diversos outros autores.

[...] Assim, o grande pessimista tornou-se quase um otimista na velhice; tocava flauta com assiduidade depois do jantar e agradecia ao Tempo por tê-lo livrado dos ardores da juventude. De todo o mundo, vinha gente visitá-lo; e no seu septuagésimo aniversário, em 1858, choveram cumprimentos vindos de todos os pontos cardeais e todos os continentes (Ibid, p. 235).

Sua fama chegou ao ponto de, na passagem do século XIX para o XX, a soma de suas obras vendidas atingir cerca de 180.000 exemplares.

“Pessimista suspeito, acusa o mundo e condena a vida, porém teme a morte. Apregoa as vantagens da morte, mas não quer saber dela” (WEISSMANN, 1980, p. 120). Entretanto, no dia 21 de setembro de 1860, sentou-se sozinho para o café da manhã, aparentemente bem. Uma hora depois, sua senhoria o encontrou ainda sentado à mesa, morto, aos 72 anos de idade, após um colapso pulmonar. Em seu jazigo encontra-se escrito simplesmente: “Arthur Schopenhauer”.

CONCLUSÃO

Arthur Schopenhauer é talvez o maior expoente da história da Filosofia que tenha filosofia não só no sistema, mas com e a partir da própria vida. Embora atualmente existam diversas defesas de que não se pode nem se deve unir vida e teoria, especialmente quando se trata de temas filosóficos, é possível constatar, e não com muito esforço, que esta afirmação não se aplica de todo ao nosso filósofo. Seu perfil tendencioso ao pessimismo, à observação do sofrimento, da dor e da miserabilidade humana como condições determinantes nada mais são, como os fatos históricos constatarem, do que transcrições de uma vida afetiva tumultuada (especialmente com aquela que é costumeiramente entendida como a principal responsável pela afetividade numa família que é a mãe) e de uma observação apurada da realidade miserável vivida por seus contemporâneos. Enfim, diante das evidências históricas, uma conclusão se mostra viável: por sua vida, Schopenhauer demonstra-se um pessimista.

ABSTRACT

This article constitutes a theoretical research and Bibliographic eminently historical. Is part of our master thesis. Its main goal is to demonstrate the character's philosophy of experiential Arthur Schopenhauer. Perhaps this was the philosopher who more clearly able to transcribe the reality in which was inserted and turn this into a philosophical system. The basic procedure adopted in the preparation of the study was cataloging and data collected from historical

curiosity available literature in English on the subject. A contemporary of the philosopher said that philosophy Schopenhauer is not a system built from other philosophies, but a reflection of his own life, the projection of his character. What makes a philosopher in the sense of stoic term, ie, someone for whom philosophy is the cause of his own heart. Since, from this perspective, more philosopher with life than with their own arguments. Schopenhauer, the perform their various trips to Europe, was impressed with the chaos and filth of the villages, the miserable poverty of farmers, the unrest and misery of the cities. Notes Life never seemed so meaningless or so miserable. The observation of this fact led our philosopher to believe that the world is suffering and the joy that is constituted moments for passengers, thus founding the current philosophical hereinafter metaphysical pessimism. This is the main discovery that this study aims to reach, ie the finding that the troubled life of the philosopher's influential the proposition of his philosophy.

Keywords: Schopenhauer. History. Life. Miserable reality. Pessimism

REFERÊNCIAS

BARBOZA, Jair. *Schopenhauer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

———. *Schopenhauer In.: Os filósofos clássicos da filosofia: de Kant a Popper*. Petrópolis: Vozes/PUC-Rio, 2008.

BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CACCIOLA, Maria Lúcia M. O. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: EDUSP, 1994.

CAREIL, A. Foucher de. *Hegel y Schopenhauer*. Tradução Eduardo Ovejero. Madrid: España Moderna, [s.d.].

DURANT, Will. *A história da filosofia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

JANAWAY, Christopher. *Schopenhauer*. São Paulo: Loyola, 2003.

———, *The Cambridge companion to Schopenhauer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MAGEE, Bryan. *História da filosofia*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

PADOVANI, Umberto & CASTAGNOLA, Luís. *História da filosofia*. 17. ed. São Paulo: Merolhamentos, 1995.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do romantismo até nossos dias*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1990. (Coleção filosofia, vol 3).

REDYSON, Deyve. *Metafísica do sofrimento do mundo: o pensamento filosófico pessimista*. João Pessoa: Ideia, 2009.

———. *Dossiê Schopenhauer: vida e obra de um dos filósofos mais influentes da história*. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

———. Schopenhauer e a metafísica do sofrimento. In.: *Princípios*. UFRN, v. 15, n. 23, Natal, jan/jun 2008, p. 255-269.

——— (org). *Arthur Schopenhauer no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 2010.

ROSSET, Clément. *Schopenhauer, filósofo do absurdo*. Tradução Maria Marta Guerra Husseine, In: *Revista Princípios/ UFRN, CCHLA*. — Ano 1, n. 1 (Natal: Nov. 1994).

SALLES, João Carlos (org.). *Schopenhauer & o idealismo alemão*. Salvador: Quarteto, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. São Paulo: UNESP, 2005.

———, In.: *Os pensadores*. São Paulo: Nova cultural, 1997.

———, In.: MANN, Thomas (apr). *O pensamento vivo de Schopenhauer*. São Paulo: Martins, [s.d.].

———. *Fragmentos sobre a história da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VECCHIOTTI, Icilio. *Schopenhauer*. Tradução João Gama. Rio de Janeiro: Edições 70, 1986. (Biblioteca Básica de Filosofia).

WEISSMANN, Karl. *Vida de Schopenhauer*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.